

NOTAS DE ARQUEOLOGIA

Idolos preistóricos tatuados, de Portugal

POR

VERGÍLIO CORREIA

CONSERVADOR DO MUSEU ETNOLOGICO

(COM DESENHOS DE ALBERTO SOUSA)

Separata da *Águia* — Junho de 1915

TIPOGRAFIA DA
« RENASCENÇA PORTUGUESA »
PORTO

DO AUTOR

ARQUEOLOGIA

A igreja de Lourosa da Serra da Estrela 1912

LISBOA PREISTÓRICA

I— A estação neolítica dos Sete Moinhos 1912

II— A estação neolítica de Vila Pouca (Monsanto) 1912

III— A estação neolítica da Cêrca dos Jeronimos. 1913

Idolos preistóricos tatuados, de Portugal 1915

ETNOGRAFIA

Velhos teares do concelho de Coimbra 1912

A Arte no Sal 1914

Os Pesos de tear 1914

As cabanas da Assafarja 1915



A dentro do campo archeologico assuntos e problemas variados que pela sua especialidade nunca devem ser apresentados senão perante graves e doutas assembleias de cientistas; outros porem, pelas relações que manifestam com a sociologia e com a historia da arte, despertam a atenção dos espiritos menos inclinados ás velharias classicas ou ante-classicas. Está neste caso a tatuagem dos idolos preistóricos portugueses.

A tatuagem, ou seja a arte de picar a pele em series de orificios formando desenhos e introduzir neles uma substancia córante que os torna indeleveis, é velha como o homem. Encontram-se desde os tempos quaternarios vestigios inequivocos de que o selvagem primitivo se tatuava, ou pelo menos pintava o côpo. Não é grande a distancia entre os dois sistemas, mas as vantagens do primeiro sobrelavam as do segundo, visto que a pintura corporal tem de repetir-se com frequencia, incomodativamente, e a tatuagem permanece indelevel até ao desaparecimento do individuo, razão por que foi preferida, especialmente quando a sua finalidade era religiosa.

Nas estações aurignacenses, solutrenses e madalenenses de França (1) teem aparecido pedaços de materias córantes, vermelhas amarelas, negras (ocre, oxido de manganez, peroxido de ferro, limonite), que não poderiam ter outro destino senão o da pintura ou tatuagem dos autoctones; as proprias ossadas aparecem em alguns pontos polvilhadas de vermelho. Isto condiz plenamente com os costumes dos povos que ainda hoje se encontram nos primeiros degraus da civilização, como os australianos ou certas tribus do interior da Africa, cujos exemplos para quem estuda Archeologia e Etnografia, devem andar sempre á vista.

Da tatuagem dos indigenas da nossa Africa Ocidental, occupou-se o inevitavel e sempre aproveitado Henrique de Carvalho (2).

Chama-se a tatuagem em Angola vulgarmente *jimbage*, e continua a ser usada, como genero de adorno que é, mais pelas mulheres que pelos homens. O *jimbage* pratica-se hoje com as nossas agulhas, mas fazia-se dantes com estiletos de madeira de ponta muito aguçada. Molham-se as pontas de duas agulhas juntas e ligadas em liquido córante de origem vegetal e procede-se á operação sobre as linhas traçadas previamente na pele, sendo o sangue que goteja das

(1) J. Dechelette. *Manuel d'Archeologie Prehistorique*. Vol. I, pag. 203 e seguintes.

(2) H. de Carvalho. — *Ethnographia e Historia Tradicional dos povos da Lunda*, pag. 362 e 363.

incisões estancado de quando em quando com pó de carvão ou cinza. Este processo africano é afinal com poucas variantes o seguido em todo o mundo antigo e moderno.

A tatuagem actual, *soi-disant* civilizada, apresenta um duplo carácter: popular e erudito. A tatuagem erudita vem-nos da Asia, do Japão, donde passou para a America; é verdadeira pintura sobre a pele, fina, colorida, amaneirada e que tanto desenha as linhas de um braço como as de um animal de fôrmas nobres, sobre um pedaço da epiderme ou sobre o corpo todo; tem sciencia e uma arte especialissima cujo desempenho enriqueceu varios mestres tatuadores asiaticos e americanos. Foi algum tempo moda alem-Atlantico, as senhoras fazerem picar á flôr dos seios, nos braços, onde se podessem entrever com os decotes dos vestidos, pequeninas, graciosas tatuagens de flôres e animaes (borboletas, serpentes, aranhas, malmequeres, rosas), e não poucos homens das altas classes lhe seguiram o exemplo, por desfastio.

A tatuagem popular, vulgarisada em todos os paises da Europa, principalmente nos da beira-mar, é hoje e foi sempre apanagio quasi exclusivo dos marinheiros, soldados e frequentadores das prisões. Faz-se tatuagem nas cadeias, nos quartéis e nos navios, em regra, clandestinamente. Os assuntos são variados, a execução porem rudimentar.

Rocha Peixoto, o maior etnografo que até hoje illustrou com os seus trabalhos a sciencia portuguesa, foi o primeiro que entre nós se occupou sinteticamente da tatuagem (1). Á sua classificação dos desenhos que aparecem na pele dos tatuados, repartida segundo emblemas profissionaes, amorosos e eroticos, religiosos, de fantasia, e inscrições, pouco ha ainda a acrescentar. Numa coleção que recolhi este ano no Limoeiro, todos os assuntos concernentes ás divisões apontadas eram frequentes, excetuando os religiosos, que faltavam por completo.

O processo empregado em 1915 pelos mestres tatuadores dessa cadeia não difere tambem muito do descrito por Rocha Peixoto; é com agulhas em numero variavel (até 5), ligadas a um cabo de madeira, que, depois de molhadas em tinta da China, eles marcam indelevelmente a pele dos padecentes. Indelelevelmente, não; alguns presos, por razões intimas do seu conhecimento e talvez do da justiça, tem destruido as tatuagens com cloreto de calcio ou termo-cautério.

Entre as tatuagens de carácter popular, avulta como curiosidade a religiosa. Pratica-se em Loreto de Italia, na cidadezinha sobranceira ao Adriatico que guarda a *Santa Casa* habitada pela Virgem em Nazareth, casa que no fim do seculo XIII foi trazida para ali e rodeada ao depois de marmores trabalhados preciosamente pelo Sansovino. Acodem á terra 500.000 peregrinos cada ano, e essa turba devota vinda de toda a Italia e de fóra a admirar a maravilha, renova-se ha seculos, tornando a Madona de Loreto a maior romaria da peninsula.

(1) R. Peixoto. *A tatuagem em Portugal*. Na Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes. Vol. II, pag. 97 e seg. e 145 e seg.

Entre os devotos, talvez devido a influencias trazidas por mar, desenvolveu-se não se sabe em que epoca, porque as noticias escritas não alcançam mais de dois seculos atraz, o costume de fazer gravar sobre a pele, marcas e sinaes religiosos. Os membros de cinco ou seis familias da cidade exerciam o mister de tatuadôres, e transmittiam de geração em geração sob os olhos complacentes da Igreja a sua arte, que era executada nas praças publicas. Foi prohibida em 1860, mas exerce-se ainda a ocultas, sobre os serranos das *Marche*. Os desenhos são diversissimos, reproduzindo as insignias da paixão (em que entra o sol, a lua, o busto do crucificado na cruz, entre os pregos, corôa de espinhos, calis, esponja, lança, tunica, dados, veronica, e até o celebrado galo que fez mentir S. Pedro) ⁽¹⁾, as imagens das Senhora das Dôres e do Loreto, o milagroso crucifixo de Sirolo, santos protetôres, sinaes da fé (cruz, coração com cruz, chaves), etc. Frequentemente, quando os romeiros são recém-casados, acrescenta-se á marca religiosa uma outra em que figuram dois corações enca-deados ⁽²⁾.

— O processo seguido em Loreto é bastante simples. As figuras estão já passadas a fôrmas de madeira que polvilhadas de pó de carvão deixam sobre a pele o desenho completo, ao depois aprofundado das agulhas. A tinta empregada é a negra.

A existencia de fôrmas apropriadas justifica-se pela quantidade de operações. Segundo Rocha Peixoto, no Brazil empregam tambem fôrmas de tatuagem, mas essas com os desenhos em pontas de aço que basta cravar para obter o ornato completo e de uma vez. No Limoeiro os moldes são modestamente, de papel transparente.

Manifestação de arte popular com carater exclusivamente ornamental ou com carater religioso, a tatuagem continua hoje uma tradição milenaria que vem do quaternario, dos nebulosos tempos da pedra lascada. Ha tratados especiaes que lhe referem o balbuciar, o falar claro da mocidade, o enrouquecer envilecido da decadencia; para lá remeto o leitor que pretenda conhecer a sua evolução, porque nem o espaço o consente, nem o assunto exige mais aqui.

*

* *

Apresentadas umas ideias geraes sobre a tatuagem e o modo como se pratica, resta-me entrar propriamente no assunto indicado pelo titulo do artigo: idolos preistóricos tatuados, de Portugal.

Em Portugal só no periodo neolitico aparecem clara e irrefutavelmente objetos que representem divindades.

A civilização paleolitica, apesar de se mostrar vigorosa em varios pontos do nosso territorio, revelou-se até hoje apenas em rudes ou

⁽¹⁾ Entre as tatuagens reproduzidas por Rocha Peixoto, vem uma deste tipo. É possível que o seu possuidôr fosse um antigo romeiro de Loreto, porque acorriam a essa cidade portugueses pobres que faziam a viagem mendigando.

⁽²⁾ *Catalogo della Mostra di Etnografia Italiana* — Roma 1911 — pag. 115 e seg.

delicados instrumentos de silex e quartzite. A neolítica ao contrario, surge cada vez mais completa, num corpo homogêneo, regular e harmonico, de funções claramente diferenciadas, com manifestações valiosas do modo de viver dos longinquos antepassados nossos desse periodo. Usos, costumes, crenças, vida e morte da gente da pedra polida conhecem-se até melhor documentalmente, do que as dos povos que se lhe seguiram até á conquista romana.

Efetivamente a estratificação mais rica da nossa Arqueologia preistórica é a que ficou do periodo neolitico. A difusão extraordinaria das antas pelo paiz, a serie inumeravel de cabeços-povoações, de grutas, de terrenos em que se encobrem fundos de cabanas, precedendo quasi sempre no mesmo ponto civilizações posteriores — veja-se por exemplo o que succede nos *Castros* das idades metalicas, onde raro faltam vestigios da pedra polida —, levam-nos a afirmar com segurança que no territorio actual de Portugal viveram povos cujo estadio de cultura seria ha 6:000 anos, comparavel senão superior ao das tribus mais civilizadas da Africa. E digo superior, porque se os negros permaneceram até aos tempos modernos na mesma barbara estagnação, e o selvagem neolitico branco evolucionou rapidamente para melhor, é que o factor etnico a isso o dispunha; atuando *ab initio* o factor referido, costumes e vida apresentariam decerto um estado de relativa perfeição, como o demonstra entre outros casos a construção das antas, belos monumentos megalíticos que os negros nunca se atreveram a levantar.

Era de crer que uma civilização tão desenvolvida nos legasse bastos e apreciaveis documentos de sua actividade artistica: infelizmente não succedeu assim. Desaparecida sem deixar continuação a preciosa arte rudimentar dos tempos quaternarios, arte a que Salomon Reinach tanto a proposito applicou o verso de Ovidio

Prolem sine matre creatam, mater sine prolem defuncta,

debalde se procurará encontrar nos tempos neolíticos cousa que se lhe assemelhe. Os delicados trabalhos de escultura, gravura e desenho que fizeram a gloria de Brassempouy, de Bruniquel, do Mas d'Azil, não tiveram successão. O que nos ficou da arte da pedra polida é informe, confuso, symbolico, com um carater de acentuado religiosismo, pois que as representações artisticas parecem todas reservadas para a divindade.

No centro da Europa aparecem idolos de pedra (grupo neolitico dos bustos do Coizard), e estatuas-*menhirs* (de Saint-Sernin, Collorgues, Bragassargues) que representam iniludivelmente uma divindade feminina, reconhecivel pelos colares e protuberancias dos seios; tal divindade deverá ser — tanto as concções humanas se assemelham —, o prototipo das deusas-mães do mundo antigo e das nossas madonas,

Esta divindade, guarda das sepulturas (1), revela-se mate-

(1) J. Déchelette. *Manuel*. Vol. I. pag. 594.

rialmente por varios modos e em diferentes regiões; no Oriente em paredes de vasos antropomorficos e em chapas de terra cota de Hissarlik; no Ocidente em placas de schisto de Espanha e Portugal; no Norte em vasos ornados de olhos lenticulares, da Dinamarca; mais simplificada á medida que se afasta da bacia do Mediterraneo. Consagremos algumas palavras aos exemplares portuguezes que a representam.

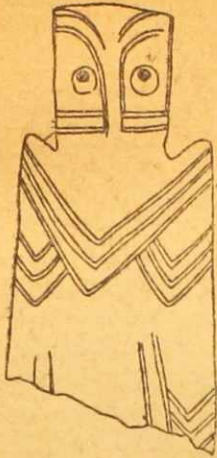


Fig. 1 — Placa de schisto de Idanha a Nova. A 1/3 do tamanho natural.

Como ficou dito, a arte neolitica é rudimentarissima; todas as suas manifestações se resentem de inhabilidade na representação da figura humana, que de modo geral surge schematica ou indicada apenas por algum traço saliente, os olhos, os seios, os ombros. Por este motivo, qualquer exemplar achado isolado ficava sem significação, mudo, incompreensivel. A publicação de imagens estrangeiras começou porem a derramar luz, a fornecer seguros pontos de partida e de chegada que as nossas figurações iconograficas não teem mais que preceder ou continuar. Apresento a seguir, para Portugal, uma classificação dos idolos de tipo humano (excluindo os zoomorficos) pertencentes a um periodo de tempo que vae da pedra polida á primeira idade do bronze.

Podemos considerar como idolos:

1.º) As esculturas antropomorficas de pedra, da Serra da Baulhosa (Minho), do Crato, de Moncorvo (duas), descritas no vol. xv do *Archeologo Português* (1).

2.º) As placas de schisto do Algarve, Alemtejo, Estremadura e Beiras (Alta e Baixa).

3.º) Os cilindros de calcareo até hoje descobertos no Algarve e costa maritima da Estremadura (Transtagana e Cistagana).

4.º) Os cilindros de osso ou marfim, descobertos juntamente com os precedentes.

5.º) As pedras de calcareo, globulares, em forma de pomo, com ou sem pé, que aparecem igualmente com os cilindros.

6.º) As falanges de animaes, ornadas ou não, das mesmas estações.

7.º) Varias pedras com feitio vaga ou schematicamente humano provenientes tanto de sepulturas como de estações ao ar livre.

Poderemos ainda acrescentar a esta serie, os olhos lenticulares de alguns vasilhos de barro, e os mamilos duplos, das paredes de outros.

As esculturas do n.º 1.º representam cabeças humanas, com os olhos e a boca indicados por traços ou orificios, e quasi todas são ornadas de colares de fiadas multiplas. Não ha que duvidar da sua si-

(1) Leite de Vasconcelos — *Esculpturas prehistoricas do Museu Etnologico Português*; no *Archeologo Português*, vol. XV, pag. 31 a 39.

gnificação pois se identificam com as aparecidas em França, no Marne (grutas do Petit Morin) e no chamado *Midi* (Saint-Sernin, Les Maurels, Collorgues, etc); são sem duvida os icones de uma religião do fim do neolítico e da época eometalica, como já muito bem apontou Déchelette.

As placas de schisto teem sido sempre consideradas como objectos cultuaes ou amuletos. São-no efectivamente, mas amuletos que figuram uma divindade de formas humanas, tal como os escapularios de imagens. E para o comprovar teem vindo á luz por diversas vezes placas ornadas de caras schematicas e outras em que se deliniam ombros e braços, convenientemente afastados do tronco. Na maioria delas porém, a figura humana estilizou-se de tal sorte que é difficil segui-la, tanto mais que podem os desenhos não se referir exclusivamente á cabeça, mas a outras partes do corpo — o peito por exemplo.

Os cilindros de calcareo ou osso são por emquanto apanagio do Sul de Espanha e região costeira de Portugal; representam com toda a evidencia figuras humanas. A sua ornamentação, curiosa em Espanha (Los Milares) vae diminuindo á medida que nos afastamos do Mediterraneo, e de modo tal, que nos exemplares estremenhos aparece reduzida só a dois pontos e a dois traços.

Nos cilindros de osso, tanto os lisos como os providos de góla ou resalto numa das extremidades (semelhantes aos egipcios de Negadah) ⁽¹⁾, nada se distingue riscado, talvez porque o ornato era apenas pictural.

Temos cilindros do Algarve (um muito curioso do Museu de Faro, dois de Moncarapacho, varios dos monumentos de Alcalá), da Rotura (Setubal) da beira-mar, desde Cascaes a Obidos (grutas de Cascaes, monumentos do Monge, Folha de Barradas, Vale de S. Martinho (Cintra), antas da Estría e Montabrão (Belas), Barro e Serra das Mutelas (Torres Vedras), Pragança e S. Mamede de Obidos; todos de estações eometalicas ou da transição da pedra para o bronze. Do interior, do Alentejo por exemplo, apesar das suas antas inumeraveis, não alcanço noticia de nenhum; o que existe no Museu de Evora é magnifico, mas ignora-se-lhe a proveniencia.

Os cilindros são tão carateristicamente peninsulares, que os 3 que se descobriram num dolmen de Folkton Wold (York—Inglaterra), foram logo considerados ibericos por todos os arqueologos ⁽²⁾.

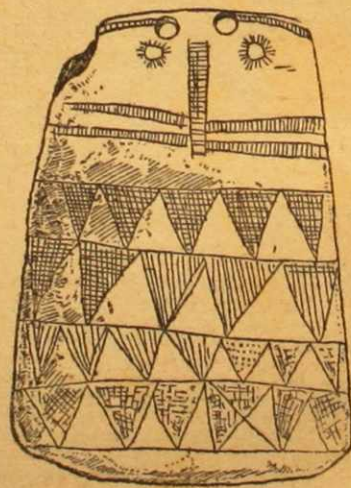


Fig. 2 — Placa de schisto, de perto da Mina de S. Domingos. Menos de metade do tamanho natural.

⁽¹⁾ J. de Morgan. *Recherches sur les origines de l'Egypte. Ethnographie Préhistorique.* pag. 53, figs. 108, 109 e 110.

⁽²⁾ Representado a pag. 90, fig. 86, do *Guide to The Antiquities of the Bronze age*, do Museu Britanico.

As pedras de calcareo, globulares, do Vale de S. Martinho, Serra das Mutelas, Barro e Montabrão—estações eneolíticas, são também idolos, semelhantes a alguns de Hisarlik-Troia (1). Estão no mesmo caso as falanges de animaes dum vago feito de tronco humano, provenientes tanto de Espanha (2), como de Portugal, —do Valle de S. Martinho (Cintra) (3).

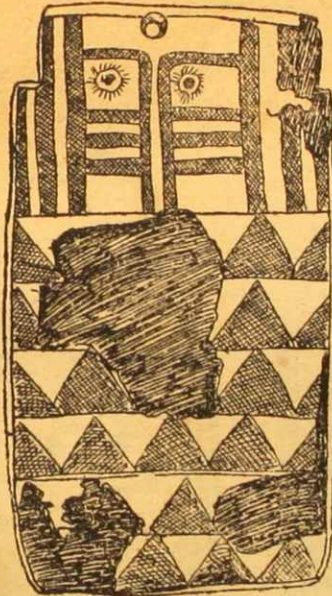


Fig. 3—Placa de schisto de uma anta da Herdade de Cavaleiros (Ponte de Sor). Duas vezes e meia menor que o tamanho natural.

Varias pedras com feito especial que se encontram nas estações de habitação e sepultura, podem ter sido igualmente idolos preistoricos, segundo se infere dos exemplos de Espanha e do Oriente. Nesta classe entrariam também as figuras de pedra dos dolmens de Alvão (Traz-os-Montes) se não fosse necessario provar primeiro com documentação congenere de outras antas da região, a sua autenticidade.

O par de arcos de circulo que em posição de orbitas ornamentam as paredes de taças de barro grosso aparecidas em antas do Alentejo—pelo menos dois exemplares, um da Comenda (Montemor o Novo), outro recém-descoberto de Entreáguas (Cabeção)—, é também uma manifestação de antropomorfismo da divindade, e entra na categoria dos chamados olhos lenticulares de Hisarlik, Los Millares, Peu Richard, e Magleby (Dinamarca), tudo povoações visinhas do mar. Do mesmo modo se poderão considerar representações de olhos ou seios os dois mamilos pouco afastados, que existem muitas vezes sobre a mesma banda das paredes de vasilhos preistoricos. Esses mamilos não tem aplicação utilitaria e pela disposição levam-nos mais depressa a considerá-los cultuaes.

Lançada uma vista de olhos sobre as classes de idolos antropomorficos, preistoricos, do nosso paiz, resta-me falar de uma ornamentação carateristica que em tão primitivas representações se manifesta: a tatuagem.

Os icones de deuses, semi-deuses e heroes, modelam-se, vestem-se, pintam-se, tatuam-se como os homens que os erguem: sucede isto hoje entre os selvagens, sucedeu entre os preistoricos. O homem primitivo, criando a divindade á sua imagem e semelhança, figura-a como se se figurasse. Não é portanto de admirar a tatuagem facial

(1) Georg Wilke. *Südwesteuropäische Megalithkultur und ihre Beziehungen zum Orient*. Würzburg 1912. pag 129, fig. 120.

(2) *Idem*, mesma pagina e figura.

(3) *Archeologo Portugues*, vol. II, pag, 217, fig. 6.

dos idolos primitivos; o facto é bem natural e humano. Na Africa, na Asia, na Oceania as imagens divinas mostram as faces imoveis retalhadas de tatuagens retas ou curvilineas (1).

As maças de guerra africanas, com cabo curto e maneiro terminando em pinha irregular e multiforme, apresentam os mais curiosos exemplos de ornamentação e escultura primitiva. Nessas mócas (*mussenhi* na Lunda, *unhe* na provincia de Angola (2), se o cabo é quasi sempre liso e sem enfeites, a maça propriamente dita aparece coberta de desenhos e toma frequentemente a forma de uma cabeça

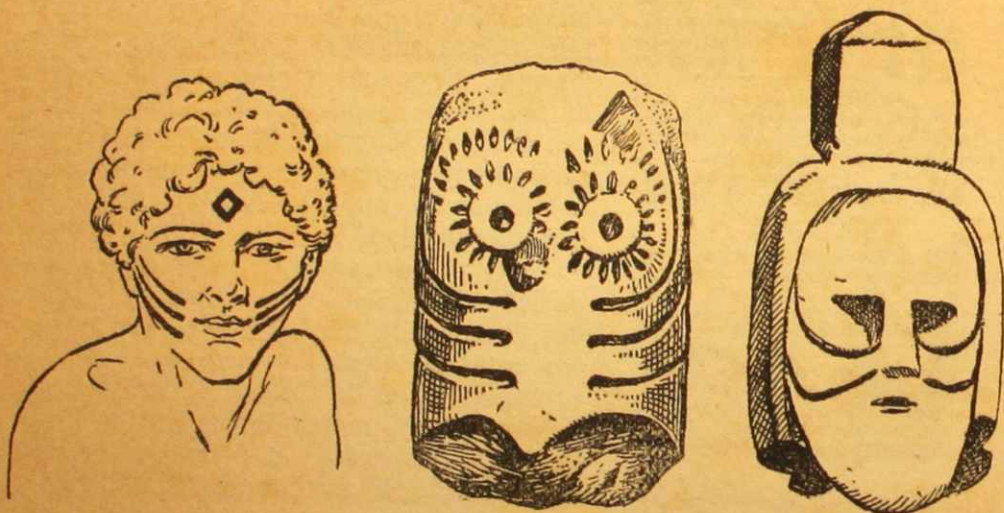


Fig. 4, 5 e 6

Busto de malaio tatuado, idolo de Moncarapacho (Algarve), cabeça da deusa preistórica.
O cilindro em tamanho natural, a deusa duas vezes e meia maior.

humana, masculina ou feminina, por vezes de modelação perfeita. As cabeças não se fazem é claro com a simples intenção de adornar: são manifestações conscientes ou não, do culto de uma divindade guerreira que encoraja o braço dos combatentes e lhes enrija os golpes. Pois em grande porção dessas cabeças de móca as caras aparecem tatuadas de riscos ou pontos, em disposição identica ao *jimbage* das faces dos indigenas.

Facto identico se deu entre os habitantes primitivos do nosso paiz; nas placas e nos cilindros de que atraz deixei menção, aparece claramente a tatuagem.

Com referencia ás placas, primeiro, os tres exemplares que apresento são de flagrante evidencia; veem-se nitidamente os olhos das figuras e sob eles, barbaramente estilizados os traços da tatuagem das faces, do nariz ás orelhas. A primeira appareceu em Idanha a Nova (3) a segunda no concelho de Mertola, a terceira numa anta da

(1) *Handbook to the Ethnographical Collections*, London 1910, pag. 174 e 225.
(2) H. de Carvalho; *Ethn. e Hist. Trad. dos Povos da Lunda*, pag. 200 e 362.
(3) Leite de Vasconcellos — *Religiões de Lusitania*, vol. I, pag. 162.

herdade dos Cavaleiros (Ponte de Sôr); pertencem todas ao Museu Etnologico, onde estão. Ha uma outra placa muito interessante, do mesmo genero, em que alem da tatuagem se notam ombros e um collar; foi encontrada no *Cabeço da Ministra* (Alcobaça) (1) e já foi aproveitada nos livros de Dechelette e Wilke, tão importante é. Todos os desenhos das placas eram primitivamente cobertos de oca vermelha ou amarela, pintura correspondente á corporal dos indigenas.

Nos cilindros ornados tambem nunca falta a tatuagem, indicada por um, dois e tres riscos paralelos, em curva, de cada lado da face. Basta para exemplo, o idolo de Moncarapacho que vae reproduzido entre um rosto tatuado de selvagem malaio (2), e a cabecinha delicada e enigmatica de uma divindade preistórica da necropole eneolitica do vale de S. Martinho (3).

Deante destes documentos ninguem poderá duvidar mais de que os traços faciaes das placas e os sulcos dos cilindros não sejam verdadeiras representações de tatuagem preistórica. A escultura de S. Martinho não admite sombra de duvidas.

É hoje publicada pela primeira vez esta imagem de deusa. Depois de um sono de milhares de annos, sob um montão de pedras, num cabeço inculto batido dos ventos do Atlantico, revive para fazer-se de novo admirar e aclarar um pouco do misterio que envolve os tempos donde vem. Comtudo essa figurinha modesta, pequenina, enigmatica, é o mais extraordinario documento que nos ficou do fundo artistico neolitico, na metade ocidental da Europa. Para que se saiba.

Lisboa 31 de maio de 1915

(Desenhos de Alberto Sousa).

Jeylio Correia

(1) Vieira Natividade — *Grutas de Alcobaça*, pag. 24, fig. 78 da est. VIII.

(2) Morgan — *Recherches*, vol. II, pag. 57, fig. 112.

(3) O Vale de S. Martinho fica a pouca distancia de Cintra, para N. O., nas faldas da Serra. Ha uns 20 anos apareceram num terreno do lugar, restos de 2 monumentos circulares de pedra solta. Cavados, primeiro á toa, depois metodicamente, mostraram pelo espolio que pertenciam ao periodo eneolitico, pois deram objectos de pedra e cobre. Achada junto com uma grande quantidade de cilindros de calcareo, com e sem tatuagem, a cabecinha de osso representada na fig. 6 duas vezes e meia maior que o seu tamanho, é um documento iconografico de alto valór. Alguns dos objectos aparecidos, foram descritos no vol. II do *Arch. Port.* pag. 210 a 221.